

# BIBLIOTECA PESSOAL-COLETIVA-ITINERANTE: SABERES CONSTITUÍDOS NA AÇÃO DE FORMAR FORMANDO-SE

■ MARIA DO SOCORRO DE SOUSA

<https://orcid.org/0000-0002-1009-0973>

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Universidade Federal do Ceará – UFC

■ TÂNIA MARIA DE SOUSA FRANÇA

<https://orcid.org/0000-0001-8931-6295>

Universidade Estadual do Ceará – UECE

## RESUMO

Ao sugerir a biblioteca como algo vivo, o dossiê instigou a se narrar como se faz uma biblioteca pessoal-coletiva-itinerante, conduzindo as ideias dos livros e demais publicações do seu recheio a viverem em movimentos que formam, (re)formam, (de)formam, (trans)formam o papel docente, nos subsidiando em múltiplos cenários formativos, a trajetória que se vivencia há mais de quarenta anos. Nesse sentido, foi o ser de cada autora que se sentiu tocado em trazer a particular “Biblioteca Viva” para o centro de uma reflexão viva e ao vivo em tempos de comunicação *on-line*, remota, em uma pandemia. O texto está organizado em quatro atos: o primeiro narra o começo pessoal da organização; os dois seguintes expressam como se deu o processo coletivo e itinerante. Estes atos são permeados e interconectados por dois sentidos fundamentais que a biblioteca exprime: ideias em movimentos, formar, formando-se; e o segundo espaço de formulação de conhecimento por favorecer, sempre, (re) constituir quadro de referência das múltiplas temáticas, áreas, nas diversas circunstâncias formativas. No quarto ato, se (re)começa narrando considerações sobre perspectivas para a biblioteca continuar a sua missão formativa.

**Palavras-chave:** Biblioteca pessoal-coletiva-itinerante. Formar formando-se. Livros andarilhos.

## ABSTRACT **PERSONAL-COLLECTIVE-TRAVELING LIBRARY: KNOWLEDGE BUILT IN THE ACTION OF FORMING BY FORMING ITSELF**

By suggesting the library as something alive, the dossier instigated to narrate how a personal - collective - traveling library is made, leading the ideas of the books and other publications of its filling to live in movements that form, (re)form, (de)form, (trans)form the teaching role, subsidizing in multiple formative scenarios, the trajectory that has been experienced for over forty years. In this sense, it was each author's being who was touched to bring the particular "Living Library" to the center of an alive and live reflection in times of online, remote communication in a pandemic. The text is organized in four acts. The first one narrates the personal beginning of the organization. The following two express how the collective and traveling process occurred. These acts are permeated and interconnected by two fundamental meanings that the library expresses: ideas in movements, to form by forming itself; and the second space for the formulation of knowledge by favoring, always, the (re) constitution of the reference framework of the multiple themes, areas, in the various formative circumstances. In the fourth act, one (re)begins by narrating considerations about perspectives for the library to continue its formative mission.

**Keywords:** Personal-collective-traveling library. To form by forming itself. Itinerant books.

## RESUMEN **BIBLIOTECA PERSONAL-COLETIVA-ITINERANTE: CONOCIMIENTO CONSTITUIDO EN LA ACCIÓN DE ENTRENAMIENTO ENTRENAMIENTO**

Al sugerir la biblioteca como un ser vivo, el dossier se instigó a narrar cómo se construye una biblioteca personal-colectiva-itinerante, llevando las ideas de los libros y otras publicaciones de su llenado a vivir en movimientos que forman, (re) forman, (desde) forma, (trans) forma el rol docente, subsidiándonos en múltiples escenarios formativos, la trayectoria que se vive desde hace más de cuarenta años. En este sentido, fue el ser de cada autor quien se sintió conmovido por llevar la particular "Biblioteca Viva" al centro de una reflexión viva y viva en tiempos de comunicación online, remota, en una pandemia. El texto está organizado en cuatro actos. El primero narra el inicio personal de la organización. Los dos siguientes expresan cómo se desarrolló el proceso colectivo e itinerante. Estos actos están im-

pregnados e interconectados por dos significados fundamentales que expresa la biblioteca: ideas en movimiento, formación, formación; y el segundo espacio para la formulación del conocimiento, ya que siempre privilegia (re) constituir un marco de referencia para múltiples temas, áreas, en las diferentes circunstancias formativas. En el cuarto acto, se (re) comienza narrando consideraciones sobre perspectivas para que la biblioteca continúe su misión formativa.

**Palabras clave:** Biblioteca personal-colectiva-itinerante. Formar formando. Libros errantes.

## Em busca de uma sinopse... (uma introdução aos atos)

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os araticuns maduros.

(MANOEL DE BARROS, 2016, p. 63).

Ao percebermos a biblioteca como algo vivo, instiga-nos a pensar como constituímos nossa biblioteca – acervo pessoal – que passou a ser coletiva-itinerante, fazendo as ideias dos livros viverem em movimentos de forma, (re)forma, (de)forma, (trans)forma os saberes docentes, nos subsidiando em múltiplas circunstâncias formativas, trajetória vivenciada há mais de 40 anos, compreendendo que

Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos. (MANGUEL, 1997, p. 201)

Com esteio na ideia de que somos o que lemos e de que “[...] é nos desvios que encontramos as melhores surpresas e os araticuns maduros” (BARROS, 2016, p. 63), que este artigo tem como objetivo exprimir a narração de como fomos constituindo uma biblioteca pessoal e de que modo esta foi paulatinamente

transformada num recheio librário coletivo-itinerante, sempre buscando estabelecer saberes na ação de formar formando-se e, assim, refletirmos sobre os efeitos das leituras nas nossas vidas. Por isso, resolvemos escutar a invocação, mais do que aceitar a chamada da revista. Invocação, neste passo, é compreendida como um chamado ao ser, uma tarefa intransferível (CREMA, 1995). Nesse sentido, foi nosso ser que se sentiu afetado para conduzir a “Biblioteca Viva” para o centro de uma reflexão viva e ao vivo em tempos de comunicação *on-line*, remota, em uma pandemia.

Este trabalho está ancorado na pesquisa narrativa, compreendendo que são histórias vividas e contadas, em um movimento “[...] para trás (retrospectivamente) e para frente (prospectivamente) entre o pessoal e o social, simultaneamente pensando sobre o passado, o presente e o futuro” (CLANDININ e CORNELLY, 2015, p. 31) e, na autoetnografia (BOSSLE e MOLINA, 2009), que permite descrever e analisar o que se viveu, sentiu e aprendeu no contexto anunciado, evidenciando a subjetividade que emergiu em tal percurso. Essas referências nos permitem assumir o papel de artesãs das nossas histórias docentes.

O texto está organizado em quatro atos: o primeiro, que narra, evidentemente, o começo pessoal da organização; os dois seguintes

expressam a maneira como se deu o processo coletivo e itinerante. Estes atos são permeados e interconectados por dois sentidos fundamentais que a biblioteca obsequia: ideias em movimentos, formar, formando-se; e o segundo, espaço de formulação de conhecimento, por nos favorecer, sempre (re)constituir quadro de referência das múltiplas temáticas, áreas, nas diversas realidades formativas. No quarto ato, com o título “Anúncio de um (re)começo”, procedemos a algumas considerações sobre perspectivas para nossa biblioteca a sua missão formativa continuar.

## 1º Ato: Bibliotecas pessoais<sup>1</sup>: começo organizador

[...] o estudo de acervos pessoais traz implícitos em sua essência, vestígios das dimensões temporais/históricas projetadas pelo passado, que demonstram o dinamismo e a amplitude dos interesses humanos, frequentemente alterados com o passar do tempo. (CUNHA, 2016, p. 213)

- Primeira narrativa...

Tudo começou em Viçosa do Ceará, uma pequena cidade do Ceará, quando nossos pais, mesmo sem muitos estudos, tinham e expressavam o desejo e o compromisso com a educação dos filhos. Nesse período, os livros eram raros, mas, mesmo na escassez, chegavam alguns volumes didáticos por lá. O início de cada ano era momento de aprendermos a cuidar dos livros, colocando capa, pois eles faziam parte de uma biblioteca familiar, na qual seriam guardados e passariam de filho para filho estudar, como, por exemplo, o livro *Exame de admissão* (COSTA, PASQUALE, STEMPNIEWSKI, MARINO, 1961). Eles não eram descartados, o cuidado era grande, não se riscava, pois também passavam, para os filhos de outras famí-

lias, vizinhos, parentes, em forma de empréstimo ou doação, como fonte dos seus estudos.

Dessa época, guardamos com carinho na memória o livro que tínhamos que dominar, o *Exame de admissão*. Seus conteúdos eram Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia, para garantir os exames de admissão ao ginásio, no período de 1931 a 1971 no Brasil (GAMA, ALMEIDA, 2018). Era colorido, bem volumoso e, ao chegar às minhas mãos, tinham passado pelos dois irmãos mais velhos. Outro livro que destaco, já no ginásio, é um de Matemática, de Carlos Galante (GALANTE, 1997). Ele tinha muitos problemas para serem desvendados, mas era pequeno, com uma capa em preto e branco e “bicho-papão” de muitos estudantes que tencionavam continuar seus estudos. Lembro-me, também, com carinho, uma prática da minha família de pedir emprestado a uma senhora da cidade as histórias em cordel para serem lidas de forma familiar. Menciono *Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende (2011). Quantos mistérios envolvia...

Não me lembro de, até então, ter visto uma biblioteca física, tampouco se trouxe alguns livros ao viajar 360 Km até Fortaleza, para continuar os meus estudos. Parecia-me que toda esta história ia ficando por lá, só vinha na bagagem o cuidado com os livros. Comecei uma nova etapa como aluna do curso Técnico em Contabilidade. Fui conhecendo outros livros e autores, mas, embora a escola pública onde estudei não tivesse biblioteca, na cidade de Fortaleza, havia uma de caráter público, bastante espaçosa. E foi ali que vi pela primeira vez uma biblioteca, onde fui muitas vezes estudar. Além de raros, os recursos não permitiam adquirir muitos livros, mas sempre era reservado um cantinho para guardá-los. Dessa época, vêm-me à recordação alguns exemplares, os quais fizeram o meu quadro de referência incluir Contabilidade, Matemática financeira, Escrita comercial e Direito.

<sup>1</sup> Cada docente-autora narra na primeira pessoa do singular a constituição da sua biblioteca. Do segundo ato em diante, recorreremos à primeira pessoa do plural, pelo fato de que a relação passa a ser coletiva.

Ao finalizar o ensino médio, embora sem formação específica em secretaria escolar, fui trabalhar em uma escola particular. Mesmo provisoriamente, havia a necessidade de leitura para compreender acerca da nova situação, o que se fez uma emergência. Cobrindo essa matéria, os livros eram raríssimos. Os que havia impressos eram documentos normativos. A necessidade de leitura, porém, se ampliou cada vez mais, quando na equipe pedagógica dessa mesma escola comecei a atuar, como coordenadora de turma. O diretor, além de ser um leitor, adquiria livros, e mais livros, e, mesmo que não houvesse uma biblioteca estruturada na escola, os livros de assuntos diversos estavam ali e circulavam entre os didáticos.

Foi nesse espaço que me aguçou a vontade de conhecer sobre a área de Educação, Pedagogia, Psicologia... A vontade foi tamanha que ingressei em um curso superior de Pedagogia. O acervo, então, foi se ampliando devagarinho e as leituras foram sendo facilitadas, pois minha irmã de mais idade do que eu era pedagoga, professora há mais tempo. E como morávamos na mesma casa, ela emprestava-me alguns livros, e nossas leituras passaram a ser assuntos comuns. Até que ficamos – eu e minha irmã mais nova – morando sozinhas. Assim, o acervo pessoal, já ampliado por necessidade prática, demandou o serviço de um auxiliar para organizar os livros conforme as temáticas, catalogar os textos, os documentos que já faziam parte do acervo. Ficaram bem-acomodados e fáceis para serem encontrados. O princípio organizador era facilitar o encontro entre o leitor e os livros, para subsidiar, qualificar suas ações educativas. Era sempre prazeroso buscar os autores para dialogar sobre as múltiplas ações educativas.

Na época, além do trabalho fixo que iniciei na escola, também comecei a assessorar outras escolas e instituições de ensino, e, significativamente, participar da Associação de

Educação Católica do Brasil (AEC). Cada vez mais o mundo da leitura se ampliou e se diversificou. E a massa libraria, também, se ampliava. Foram, então, incluídas as múltiplas revistas, as indicações bibliográficas sugeridas em congressos, as publicações da AEC, de Gandin (1988, 1983, 1995), Freire (1987, 1994, 1996), entre outras, que tive a alegria e a curiosidade de ter acesso.

A minha irmã mais nova, hoje também professora e coautora deste texto, fez seu caminho individual, o qual irá narrar a seguir, para, na sequência, anunciarmos como nos tornamos parceiras em busca de referenciais de maneira permanente para fundamentar o exercício da docência.

- Segunda narrativa...

Como fui constituindo a minha biblioteca vivida? Foi com essa pergunta que iniciei uma reflexão retrospectiva em busca de respostas, porque até então tudo fazia parte do curso natural da vida: ler, comprar livros, ganhar livros, arrumá-los em uma estante. Pretendo, então, contar esta história, constituindo a biblioteca pessoal vivida, ao concordar com Passeggi, na ideia de que “[...] contar a sua história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha”. (2010, p.123).

Primeiramente, dou a público o meu vínculo com a leitura, com os livros, por meio de cinco episódios. Os dois primeiros estão ligados à oralidade – linguagem oral. Esta, a seu turno, é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, estabelecemos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, lemos o mundo.

Tenho muito nítida, ainda, a lembrança da professora do jardim de infância, contando a história de um tamanduá e fazendo os movimentos com o corpo. A sua interpretação foi algo marcante. Evoco, ainda, a minha mãe

contando a história de um menino que fazia muitas coisas, fragmento que ficou na memória. Depois de muitos anos esquecida, voltei a ouvi-la com outra interpretação – a história da coca na voz de Bia Bedran (álbum 2003), mas que se conectou imediatamente a minha memória afetiva.

O segundo está relacionado à leitura-serviço, ou seja, na minha família de pais pouco letrados, aprendeu a ler tinha que servir a todos, tirando a novena de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. “Tirar” tem o mesmo sentido de ler em voz alta. Durante nove noites, por diversas vezes ao ano, as palavras repetidas ganhavam asas na minha imaginação infantil. Eram palavras que viajavam no meu imaginário e ganhavam forma.

O terceiro episódio está relacionado a dois livros que ganhei da minha irmã mais velha, livros que guardo até hoje. Pelo fato de haver ela estudado para ser professora, acredito que sabia da importância do livro na vida de uma criança. Então, os presentes foram um livro que trazia a fábula da tartaruga e do coelho, que apostaram uma corrida. O coelho, ao desdenhar da tartaruga, acabou perdendo a aposta. E o outro tinha como título “A sementinha bailarina”, e contava a história de uma sementinha que o vento levou, ensejando-lhe muitas aventuras, até cair em terreno fértil e germinar. Hoje, me vejo naquela semente, fazendo o voo, porque saí de Viçosa do Ceará para estudar em Fortaleza.

No quarto episódio, já na segunda série do primário<sup>2</sup>, a professora solicitou a leitura do livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (2007), e a atividade era produzirmos um resumo da história. Tive acesso ao livro emprestado da biblioteca do colégio, mas foi a professora quem levou para a sala. Lembro-me de que li o livro e fiz o resumo apenas do

2 Nomenclatura usada consoante a Lei de Diretrizes e Base da Educação nº 5692/1971.

capítulo 1, mas fiquei muito maravilhada com a história daquela menina tão aventureira. Guardo com muito carinho esse trabalho, que me vincula a tantas outras histórias que ouvi e das quais fiz resumos na escola.

O quinto está relacionado à biblioteca do colégio. Achava um espaço mágico e, ao mesmo tempo, sombrio, entretanto elegante, porque ficava situada em uma sala com pouca luz, na parte de baixo da escola, quase um porão. Os livros, a maioria enciclopédias de capas duras e pretas, ficavam todos arrumados em estantes de madeiras também escuras, estáticos, esperando as mãos ávidas de crianças para folheá-los. Ir até a biblioteca era um passeio e uma aventura. Atravessávamos o pátio e descíamos um lance de escadas pouco usadas e, ao chegarmos, em uma atitude de introspecção silenciosa, pesquisávamos em alguns livros – considerava-os na época enormes – especialmente, assuntos de História e Geografia.

Olhando para esses episódios, vejo-os como balizadores para a constituição da minha biblioteca – acervo pessoal –, porque “[...] as práticas de leitura não são significadas em si mesmas, não acontecem somente por meio dos olhos ou do psiquismo; são modos aprendidos e ensinados culturalmente de lidar com determinados objetos e de atribuir-lhes sentidos” (GOULART, 2014, p. 16). Ao chegar a Fortaleza (CE) para dar continuidade aos estudos, fui formando a biblioteca pessoal, mas sem a consciência de tal ação. No momento da escrita deste texto, foi que percebi essa organização e que ia categorizá-la em três temas: livros de formação humana, de entretenimento e profissionais.

Os de formação humana estão relacionados à minha atividade como participante de um grupo de jovens católicos. Isso me motivava a ir muito às Edições Paulinas para adquirir livros. Destaco, com carinho, dois, em especial, *Arte de ser gente* (1977) e *O valor das peque-*

*nas coisas* (1979), do Pe. Roque Schneider. Costumava escrever trechos nos meus cadernos, reafirmando aqueles ensinamentos. Outra leitura marcante nessa categoria foi o *Pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (2009). Como não se deixar maravilhar com aquela narrativa tão cheia de metáforas e sensibilidades?! Retirar os trechos e escrevê-los nas capas dos cadernos era um exercício quase de internalização e sedimentação. Na categoria entretenimento, gostava e gosto de ler Agatha Christie, saborear os seus mistérios e os indícios para encontrar a solução me deixava e ainda deixa extasiada! Fascina-me!

A Literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem sobre si e sobre o mundo, porque vivenciam situações que são da ficção, mas que tem inspiração na condição humana. (SILVA, E. 2014, p. 82)

Este foi um fato que me fez relacionar ao escolher o paradigma indiciário, para subsidiar a análise dos dados da minha pesquisa doutoral.

A categoria profissional foi sendo composta a cada semestre da faculdade, no curso de Serviço Social. Ao receber as ementas das disciplinas, marcava as indicações obrigatórias e algumas complementares e ia à Livraria do Estudante, uma das poucas que vendia esse tipo de livro, na época, e fazia um crediário, para pagar mensalmente. Assim, acontecia a cada semestre, porque considerava importante a leitura para aprofundar as discussões dos temas estudados em sala de aula. Desse acervo, destaco o livro *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*, de Marilda Villela Iamamoto e Raul de Carvalho (2005). Esse é daqueles livros-referência, porque tratava dos aspectos históricos e teóricos do Serviço Social. Já em

um ensaio itinerante, o mesmo foi emprestado e nunca retornou. Dessa maneira, então, fui compondo a minha biblioteca.

Em 1987, foi criada a OfinArtes<sup>3</sup>, pelas autoras, uma instituição que se caracterizava pela soma de ofício, oficina e artes, e tinha como objetivo ser um “[...] espaço de rever a prática pedagógica, experimentando, na formação e atuação dos professores, alternativas de uma articulação entre teoria e prática”. (SOUSA; FRANÇA, 2007, p. 20). Desde então, as bibliotecas pessoais se uniram, começando o seu movimento coletivo-itinerante. É essa trajetória que o leitor encontra narrada no segundo ato.

## 2º Ato: Biblioteca coletiva: muitos olhares, cenários, leituras múltiplas intermediando saberes em uma visão complexa

[...] a biblioteca é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com o meio-ambiente e também porque toda instituição (apesar dos tecnocratas e dos apologistas da "administração por objetivos") está umbilicalmente ligada àqueles que a organizam, que a fazem viver, que emprestam a ela a marca de sua vontade e de sua personalidade. A biblioteca é, por conseguinte, uma célula viva, única. Nenhuma biblioteca é igual a outra. (MIRANDA, 1978, p. 69)

Como disse Miranda na epígrafe, “a biblioteca é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com o meio-ambiente”, e foi nessa perspectiva que a OfinArtes acolheu as nossas duas bibliotecas, tornando-as coletiva-itinerante. Nessa nova organização, a biblioteca pessoal que tinha seu acervo mais ligado à educação serviu de base, pois já possuía uma organização por temática, facilitando transportar e implantar

<sup>3</sup> Uma instituição de assessoria pedagógica e formação de professores, que viveu durante mais de 30 anos atuando no Ceará e em outros estados do Brasil.

em outro lugar. Mais tarde, veio a outra biblioteca pessoal com um recheio, preponderantemente, ligado ao Serviço Social, mas que foi encontrando o seu lugar nas prateleiras. Assim o acervo foi se ampliando, ganhando diversidade. Dessa maneira, também, começa a parceria, pois nos tornamos sócias, no projeto da OfinArtes, que vê a diversidade de ações educativas se ampliando e o processo de formar formando-se intensificado.

Para nós, a sede de buscar referência constituiu a força motriz, a seiva em movimento, que se tornou constante, ao ser institucionalizada a OfinArtes (SOUSA, FRANÇA, 2007), ocasião em que o estudo e a pesquisa tornaram-se política, adotadas como princípio de qualquer elaboração, ou situação.

Nesse sentido, a biblioteca foi ganhando espaço, literalmente. Mais estantes foram adquiridas, em decorrência dos muitos olhares, muitos cenários, que exigiam, leituras múltiplas, visão interdisciplinar. Muitos livros foram comprados, recebidos de doações, e o espaço da biblioteca ganhou, além dos livros, um arquivo de *slides*, fitas *K7*, materiais didáticos produzidos pelo Grupo de Estudo e Ação Pedagógica (Gepap)<sup>4</sup>, projetos de pesquisas, dissertações e teses e inúmeras revistas, entre as quais a *Revista do professor*, a *AMAE educando*, o *Jornal da Alfabetização*.

Os congressos, os cursos de especialização, em dinâmica grupal, tecnologia, organização de evento e mestrados em Psicologia e Educação que realizamos, ampliaram nossa visão e nossa “fome” de leitura. Muitos autores novos foram acrescentados ao nosso diálogo e nas diversas áreas do conhecimento: Em Psicologia, destacamos as obras de Jacob Levy Moreno (1997), que nos presenteou com a leitura e estudo de psicodrama; Moises de Aguiar, com

o Teatro espontâneo (1998); Pichon-Rivière com o processo grupal (1994) e a Psicologia da vida cotidiana (1988); Ponciano (1994) que nos apresentou a Gestalt; Touraine (1999) que nos alertou para a diferença com a pergunta: “podemos viver juntos? Iguais e diferentes”. Celso Vasconcelos (2002), também, com suas publicações sobre elaboração do conhecimento e outros temas; Jussara Hoffman (1993), com suas reflexões sobre avaliação, da Educação Infantil à universidade. Jerome Bruner (1997, 2001) nos faz pensar sobre a cultura da Educação, e atos da significação. Josso (2004, 2010) nos ensina que conhecer é caminhar para si. São tantos autores que nos ajudam a ler o mundo, incluindo o nosso mundo interior, que se torna difícil enumerá-los. Até os dicionários que, de início, pensávamos existir somente da Língua Portuguesa, formos descobrindo e adquirindo de Filosofia, Psicodrama... A todos os autores nossa gratidão!!

Internamente, os participantes (nos incluindo) do Gepap, nos seus encontros semanais, havia um momento de estudo, que aos poucos foi se transformando em uma ciranda de leitura e nos motivando a criar outros projetos, como o projeto de oficinas de Leitura, Escrita e Oralidade (LEO), a produção do *Jornalzinho FACILITANDO*, as agendas escolares, entre outros.

A ciranda da leitura se constituía na leitura de livros/temas para subsidiar ações pedagógicas, ampliar a leitura de mundo. A sistemática acontecia, às vezes, em leituras individuais de vários livros, ou adotávamos o livro do mês. Depois da leitura no encontro mensal, as ideias eram expressas de modo criativo, discutidas... e, assim, o sentido e o significado iam sendo fortalecidos e a produção do conhecimento (re)constituída e sistematizada em álbum seriado, narrativas visuais, artigos científicos.

O projeto LEO acontecia uma vez por semana, atendendo crianças de sete a onze anos,

<sup>4</sup> Grupo de Estudo, Pesquisa e Ação Pedagógica interdisciplinar, que atuava nas diversas atividades formativas.

com o objetivo de favorecer experiências lúdicas e criativas com a leitura, escrita e oralidade, nas quais a literatura infantil era sempre o elemento básico, a competência da oralidade da leitura e produção textual nas crianças, formando leitores críticos e autônomos, e, conseqüentemente, a formação de escritores, no sentido de que sejam capazes de escrever textos coerentes, coesos e eficazes. As atividades desenvolvidas primavam pelo prazer e o pensar, proporcionando às crianças, nos encontros, uma aula estimulante e desafiadora num clima de satisfação e alegria.

Durante o ano, as crianças iam compondo suas histórias e, em um processo de leitura individual-coletiva e escrita-reescrita, iam sedimentando a sua condição autoral e de potencial criador. No final do ano, exercendo um planejamento coletivo, vivenciavam a culminância do trabalho realizado. Assim, as crianças tiravam suas histórias do livro produzido para contá-las por meio de fantoches, dramatizações, teatro de sombra, saraus... os diversos personagens ganhavam vida nas vozes das crianças. Tudo era mediado por uma professora meio maluquinha, associando a professora criada pelo escritor Ziraldo (1995). A professora Áurea, a nossa “maluquinha”, não fazia concurso de cuspe, mas dramatizava para contar histórias, fazia caras e vozes para apresentar um personagem, brincava de esconde-esconde com palavras e objetos, que viravam enredo, personagens das histórias e, com um brilho todo especial, dava movimento às palavras das histórias que faziam morada nos livros produzidos por ela e pelas crianças, que tinham títulos criativos. Entre estes, destacamos: *A versão do vilão: de desculpas e arremedios; Criando, escrevinhando e teclando: do grafite ao computador numa eterna brincadeira de criar.*

As agendas, nesta proposta da Ofinartes, perdiam o caráter impessoal do mercado e faziam-se pertencentes às escolas e suas co-

munidades, pela participação destas em sua elaboração, mediada pelo nosso grupo, que viveu a busca de aliar o não espontâneo, com o espontâneo, permitindo que nossa espontaneidade se desenvolvesse e enriquecesse a cada criação visual que realizávamos.

Nas oficinas<sup>5</sup> de leitura e escrita, mediadas com professores da Educação Infantil ao Ensino Superior nos momentos formativos, guardávamos sempre o princípio do formar formando-se, ao partirmos, de modo reflexivo, da história de leitura e escrita dos participantes, um olhar para si, para chegarmos à formação dos alunos. Esse princípio aproxima-se das ideias de Bakhtin (2017) sobre dialogicidade e alteridade, e de Freire, quando anuncia que, “[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e (re) forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (1998, p.25). Foi nesse sentido que fomos compreendendo que constituir a liberdade, a cidadania, a participação no dia a dia, investindo na nossa transformação, tornava-se fundamental para não produzirmos, em sala de aula, o que condenamos fora dela (ANJOS, SOUSA, SOARES, VALÉRIO, 1997).

No livro organizado por nós, por ocasião dos 20 anos da instituição, com o título *Diversidade de ações educativas: formar, formando-se* (SOUSA, FRANÇA, 2007), no qual contamos um pouco da nossa história, apresentamos o jornal *FACILITANDO*, dizendo “[...] aquele jornal embrionário, que nascera no início foi desenvolvendo-se como um espaço de divulgação e de apoio aos professores e escolas, recebendo o título de *Facilitando*, pelo objetivo de ser um apoio, um subsídio facilitador da ação e reflexão do professor” SOUSA; (FRANÇA, 2007, p. 28). Contava, em seu início, com as seguintes seções: dicas da Ofinartes, fique de olho, ser-

5 Espaço de constituição e reconstituição do conhecimento. Não importa se é na sala de aula, um pátio, uma quadra, um quintal, uma sombra de árvore. Aí se partilha, descobre e recria o saber (OfinArtes, 1994, p. 74).

viços oferecidos, relatos de experiência e uma agenda contendo a programação dos eventos realizados e a realizar-se, bem como as instituições contratantes.

Para entrelaçarmos estes diversos saberes e práticas docentes, acrescentamos na nossa biblioteca a visão sistêmica, defendida por Capra, e as diversas obras de Edgar Morin (1995), começando pela *Terra pátria*, seguindo com os métodos e a religação dos saberes. De tal maneira, constituímos um bom acervo, chegando a mais de sete mil itens de assuntos diversos. Nesse período, não fazíamos fichamentos formais, pois mostrávamos o sentido que a leitura nos dava das mais variadas maneiras. Desenhando, reescrevendo textos sentidos, nossa marca passou a constituir as elaborações coletivas, produzidas a várias mãos e visões. Goulemot (2001) assinala a ideia de que ler não é buscar um sentido que o autor deseja transmitir, é dar um sentido particular, pois implicaria criar uma relação entre o sentido desejado e o senso percebido. O sentido que, paulatinamente, concedemos à leitura dos mais diversos gêneros textuais foi sempre situar o tema, a ação educativa, em um contexto mais amplo. Freire (1994), *in hoc sensu*, nos ensina que aprendemos a ler na medida em que somos capazes de interpretar o mundo. Esta busca interpretativa e conectada do mundo sempre existiu, inclusive ao ver as grandes temáticas da nossa biblioteca coletiva, hoje: saúde, educação, educação popular, formação, metodologias, ensino religioso, literatura infantil, didática, planejamento, artes... Mesmo conscientes da nossa limitação humana e que o mundo é amplo e sua totalidade horizonte infinito, continuamos a constituição de quadros, círculos de referência para situar em um contexto mais amplo as nossas ações educativas, e ao mesmo tempo nortear. Tal dinamismo e essa consciência de completude, visão complexa, tornaram-se hábitos docentes – um círculo virtuoso.

### 3º Ato: Biblioteca itinerante: livros andarilhos em movimento de formar, formando-se

[...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO 2004, p. 172)

Na formação como leitura, o importante não é o texto senão a relação com o texto. E essa relação tem uma condição essencial: que não seja de apropriação, mas de escuta. (LARROSA, 2007. p. 133)

Além de a biblioteca servir internamente para subsidiar nossos trabalhos, passamos a indicar, nas referências, e levar para os diversos trabalhos de formação de professor, assessoria nas escolas, uma biblioteca viva. Nesse sentido, faz parte organizarmos antes do início dos trabalhos a biblioteca itinerante. É importante para nós que as pessoas participantes manuseiem os livros, folheiem, fotografem e até levem emprestado. Ainda hoje, nas salas de aulas dos cursos de graduação, mestrado e doutorado onde lecionamos, também levamos uma pequena biblioteca e colocamos em uma mesa, carteira, e emprestamos durante as aulas. Perdemos muitos livros fazendo isso, mas ainda acreditamos nessa possibilidade para tornar as ideias andarilhas, em movimentos de formar formando-se. Quando nos referimos ao termo “perder”, é no sentido de que não temos mais o livro físico nas nossas prateleiras, reduzindo o acesso de outras pessoas, mas compreendemos que nesse processo de itinerância esse movimento também faz parte.

Com a ida para as escolas para realizarmos os momentos formativos com os professores, também fomos incentivando as próprias escolas a organizarem suas bibliotecas e a adquirirem livros além dos didáticos, incluindo na organização da biblioteca livros sobre educação, ação pedagógica, formação docente, um espa-

ço nas suas bibliotecas, para os seus docentes, compreendendo que,

Longe de constituir mero depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. A biblioteca trabalha com os educadores e não para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação. (FRAGOSO, 2002, p. 124)

Para incentivar ainda mais a leitura, a formação docente, criamos um projeto de associação das escolas, as quais tinham acesso a todo o acervo da biblioteca pessoal-coletiva-itinerante e os seus docentes podiam solicitar empréstimos de livros. Em contrapartida, as escolas pagavam uma taxa mensal, para manutenção e ampliação do acervo. Mesmo assim, assumimos um compromisso de que ninguém a nos procurar deixava de ter acesso aos livros e nem a outros materiais. Nessa situação, porém, era exercida a modalidade de troca, doando um outro livro ou material de manutenção.

Nesse movimento, passamos a, além de conhecer os autores via leitura, buscar conhecê-los pessoalmente, indo aos congressos, ou criando outras oportunidades, como a viagem que realizamos para conhecer Emília Ferreira, Ana Teberosk. Necessitávamos conhecê-las, pois o livro *Psicogênese da língua escrita* (1991) estava revolucionando a compreensão do ensino da leitura e da escrita. Com relação a Edgar Morin, na primeira vez que o encontramos, uma das autoras foi a São Paulo e ainda levou um livro feito pelo grupo, expressando o sentido que suas leituras tinham nos suscitado. Outra vez, todo o Gepap participou do Fórum para o Estudo do Homem e da Vida para conhecer Edgar Morin. Nessa oportunidade, nos apresentamos como um dos grupos do Brasil que estudava a complexidade (SOUSA, FRANÇA,

2007), por meio de uma performance a partir da poesia com o título “Construindo juntos”, produzida coletivamente para este momento.

Construindo Juntos

Eu já estou aqui.

Aqui e agora.

Para o que der e vier.

Com parceiros que livres de amarras do passado.

E sem olhar só para o futuro,

Vivam comigo intensamente

a categoria do momento.

Vivam profundamente o encontro.

E assim, encontrarmos

o caminhar juntos.

Aqui eu estou

Para caminhar.

Em busca da utopia

Do viver e do construir.

E superando a morte

Faça surgir a criação

Eu estou aqui,

Para criar e trilhar caminhos novos.

Participando, respeitando as individualidades, sem individualizar o coletivo.

Aqui estamos nós, companheiros de aventura.

Amando e transformando a nós e aos outros!

Não bastava, entretanto, conhecer. Ao retornar à nossa cidade depois dos eventos, congressos, tínhamos momentos de relatos sobre as viagens, a apresentação de novos livros adquiridos, e já anunciarmos a proposta de trazer os autores para o Ceará com o intuito de ampliar o diálogo sobre o tema. Assim fizemos com o professor Celso Vasconcellos, a professora Jussara Hoffmann e muitos outros, resultando em eventos como o Encontro Cearense de Educadores, o primeiro, ao completarmos 10 anos, com o tema “A Educação e suas dimensões: social, política, pedagógica e humana”; o segundo, “Preserve o planeta: eduque educando-se no mundo contemporâneo”. Neste, escrevemos coletivamente um texto com essa mesma temática que norteou a palestra de abertura do evento e que compôs o capítulo de abertura do livro lançado na ocasião. Para comemorarmos os 20 anos, realizamos o

3º Encontro Cearense de Educadores e lançamos o livro com o tema *Diversidade de ações educativas: formar, formando-se*, com o objetivo de articular pessoas e instituições preocupadas, envolvidas, comprometidas e desafiadas com o processo educativo e cultural, para, juntos, trocar, aprofundar e compartilhar ideias, conhecimentos e ações colaboradoras de um mundo melhor, mais justo e solidário.

Foram momentos intensos de aprendizagem, de troca e de leitura e escrita, que também movimentavam coletivamente nossa biblioteca, que teve um lugar amplo e de destaque na última sede da OfinArtes, fruto de empreendimento, pessoal e coletivo, e luta em muitos aspectos. Nunca conseguimos organizar orientadas pelo olhar de um bibliotecário, pois, embora tendo buscado muitas vezes esta parceria, não chegamos a concretizá-la, ficando todo o acervo organizado artesanalmente, com o olhar de quem sempre acha misterioso andar entre os livros olhando, descobrindo sem buscar as informações em único e certo lugar. É a falta deste espaço desfeito em 2016 que, no 4º ato, anunciamos o desejo de (re)começar a (re)organizar para poder, entre os livros e autores, muitos lugares visitar e coletivamente ler o mundo e de forma retrospectiva e prospectivamente entre o pessoal e o social, pensar sobre o passado e o presente e o futuro entrelaçar.

#### 4º Ato: anúncio de um (re)começo

Escrever este texto nos ajudou a reler este vivido de mais de 40 anos e reavivar, em nós, o sentido que nossas experiências familiares – de leitura, do cuidado com os livros, a saída de Viçosa do Ceará para estudar – têm nos tornando leitores, estudantes permanentes e guardiães de livros para que outros possam usufruir neste mundo e a leitura do mundo ampliar. Considerando, porém, a ideia de que há

três anos tivemos que fechar a OfinArtes, por vários fatores – inclusive financeiros –, a nossa biblioteca ficou sem um lugar adequado, dividindo-se em quatro espaços. Dessa maneira, cuidar do acervo tem sido difícil; ler, pesquisar, emprestar os livros, mais ainda. Tal situação nos tem feito particularizar nas nossas residências parte do acervo e as novas aquisições guardar. Entre elas, destacamos educação em saúde, ensino em saúde, formação docente, metodologia de pesquisa...

Continuamos adquirindo livros, indo às livrarias, visitando os estandes dos congressos, solicitando de forma virtual, e recebendo preciosos presentes de amigos docentes que sabem do nosso apreço pelos livros e leitura. Nesse sentido, não são adquiridos somente por conhecermos o teor ou por indicação, mas por muitos motivos, também pelos títulos curiosos, pelo índice, como foi o caso do *Mapa para a festa de Maduro* (1994), *E tudo isso acontece... No fundo da gente* de Maldonado (1986). Essas descobertas têm o sentido dado por Umberto Eco (1994), quando se refere a ir a uma biblioteca e descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que, todavia, se revelam importantes para nós. Hoje, porém, quando necessitamos viver essas descobertas, os livros andam de casa em casa, de bolsa em bolsa, continuando andarilhos, mas sem um espaço para descanso, uma boa acomodação e cuidado.

Por isso, o anúncio que queremos fazer como um (re)começo, considerando o “re” paradigmático, no sentido defendido por Morin (2001), quando postula o sentido reparador, restaurador, regenerador, em toda a organização e totalidade das poliorganizações vivas. Dessa maneira, não pretendemos repetir a trajetória, mas juntar novamente nosso acervo em um só lugar, e ressignificar o sentido da biblioteca pessoal-coletiva-itinerante, contando que haja possibilidade de preservar a sua

potencialidade de elaborar saberes na ação de formar formando-se, para nos tornar capaz de interpretar o nosso próprio mundo interior, conectando conosco, com o outro e com a transcendência, tornando, assim, nosso mundo de leitores mais plural, para ler a complexidade do mundo e o humano da humanidade.

## Referências

AGUIAR, Moisés. **Teatro espontâneo e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BEDRAN, Beatriz Martini. A coca. **Álbum: Bia Canta e Conta**, 2003.

BOSSLE, Fabiano, MOLINA NETO, Vicente. No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, setembro 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/639>. Acesso em: 5 out. 2020.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRUNER, Jerome. **Ato da significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**. Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. 2. ed. rev – Uberlândia: EDUFU, 2015. MADURO, Otto. **Mapas para a Festa**. Reflexões Latino-Americanas sobre a crise e o conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Aida, PASQUALE, Renato, STERNIEWSKI, Renato, & MARINO, Aurélia. **Admissão ao ginásio**. 351

ed. São Paulo, SP: Editora do Brasil. 1961.

CREMA, Roberto. **Saúde e plenitude: um caminho para ser**. São Paulo: Summus, 1995.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Testemunhos de outros tempos: um estudo sobre acervos pessoais de educadores (Santa Catarina – 1ª metade do século XX). *In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santo. (org). Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016. p. 201-216

ECO, Umberto. **A Biblioteca**. Tradução de Maria Luísa Rodrigues de Freitas. Difel Difusão Editorial, Lda: Lisboa. 1994

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/461>. Acesso em: 14 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emília & TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas 1991.

GAMA, Marta Maria; ALMEIDA, Laura Isabel Marques V. de XVI Seminário Temático Provas e Exames e a escrita da história da educação matemática: **Os exames de admissão da década de 1931 a 1971**. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – Roraima, 11 de abril a 13 de abril de 2018.

GALANTE, C. **Memórias**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1997

GANDIN, Danilo. **Escola e transformação social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

GANDIN, Danilo. **Planejamento: como prática educativa**. Edições Loyola, São Paulo, 1983.

- GANDIN, Danilo. **Planejamento na sala de aula**. Porto Alegre, 1995.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre a Materialidade ao Livro e a Interatividade do Leitor: Práticas de Leitura. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.** Campinas, SP, v.12, n.2, p. 5-19, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/issue/view/145>. Acesso: 14 out. 2020.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (dir). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 107-116.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- LARROSA, Jorge. Literatura, Experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 133-160.
- MALDONADO, Maria Tereza. **E tudo isso acontece... No fundo da gente**. Petrópolis: Vozes, 1986
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MIRANDA, Antônio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1978. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/594>. Acesso em: 14 out. 2020.
- MORIN, Edgar. **O método 2 – a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MORIN, Edgar. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulinas, 1995.
- MORENO, Jacob Levi. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. Maria da Conceição Passeggi, Vivian Batista da Silva (Orgs.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Psicologia da vida cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PONCIANO, Jorge Ribeiro. **Gestalt-terapia: O processo grupal. Uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística**. 2 ed., São Paulo: Summus, 1994.
- REZENDE, José Camelo de Melo. **Pavão misterioso**. 6 ed., Fortaleza: Tupynaquim Editora/ABC – Academia Brasileira de Cordel, 2011.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SCHNEIDER, Roque. **Arte de ser gente**. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- SCHNEIDER, Roque. **O valor das pequenas coisas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- SILVA, Elisângela Da. **As contribuições do ensino de literatura para a formação do leitor no ensino médio**. Monografia (PDF) Jacobina, Bahia, 2014. 97 f. Monografia (graduação em Letras) - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/774/1/TccElisangelaSilva.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020
- SOUSA, Áurea Maria Rodrigues de (Org). **A versão do vilão: de desculpas e arremedos!...** Texto digitalizado, 2011.
- SOUSA, Áurea Maria Rodrigues de (Org). **Criando, escrevinhando e teclando: do grafite ao computador numa eterna brincadeira de criar**. Texto digitalizado. 2011.

SOUSA, Maria do Socorro, FRANÇA, Tânia Maria de Sousa. **Diversidade de ações educativas.** Formar, formando-se. Fortaleza: Encaixe, 2007.

TOURAINÉ, Alan. **Podemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Liberdade, 2002.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha.** 16ª ed., São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

Recebido em: 26/10/2020

Revisado em: 30/03/2021

Aprovado em: 20/04/2021

**Maria do Socorro de Sousa** é doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), especialista em Dinâmicas Grupais na Empresa e na Escola pela Unifor, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente, é docente do Mestrado Profissional Ensino na Saúde da UECE e do Programa em Saúde Pública da UFC. *E-mail:* [sousams3@gmail.com](mailto:sousams3@gmail.com)

**Tânia Maria de Sousa França** é doutora e mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Dinâmicas Grupais na Empresa e na Escola pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), graduada em Serviço Social pela UECE e em Pedagogia pela Universidade Metodista, membro do Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH). Atualmente, é professora assistente da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu da (FECLI) da UECE. *E-mail:* [tania.franca@uece.br](mailto:tania.franca@uece.br)